

# Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias

## o espaço gráfico do caderno escolar

(França – Séculos XIX e XX)

*Jean Hébrard\**

*Tradução de Laura Hansen\*\**

A partir de meados do século XIX, na França, a escola não mais restringe suas ambições a uma alfabetização limitada ao “somente ler” ou mesmo ao ler, escrever, contar. Ela visa difundir vários “savoir-faire” complexos que permitem a cada criança entrar nas múltiplas funcionalidades da escrita. O caderno escolar, que substitue então a simples folha de papel, torna-se o espaço de escrita no qual acontecem todas estas aprendizagens. O aluno descobre aí não somente como ordenar o espaço bidimensional próprio à ordem gráfica, mas também como, pela escritura, dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias. Misturando ao texto esquemas, figuras e mesmo imagens, ele se dá os meios de dispor de um instrumento próprio a organizar a enciclopédia de seus conhecimentos. O estudo dos cadernos escolares aparece assim como um exemplo privilegiado da aplicação dos métodos da bibliografia material aos objetos manuscritos portadores de escrituras ordinárias.

*HISTÓRIA DA ESCOLA; ESCOLA PRIMÁRIA; APRENDIZADO DA ESCRITA; CADERNO ESCOLAR; BIBLIOGRAFIA MATERIAL; A ESCOLA NA FRANÇA.*

In France, from the middle of the 19<sup>th</sup> century, the school doesn't restrain its ambitions to a limited literacy to the “just reading” or even to the reading, writing and counting any longer. It seeks to spread several complicated “savoir-fare” that permit each child to go into the multiple writing functions. The school notebook, that substitutes the simple sheet of paper, becomes the writing space in which all the apprenticeship takes place. The student then finds out not only how to organize the bi-dimensional space proper to the graphical order, as well as through the writing, control the time of his tasks and his days. Mixing to the text, schemes, pictures and even images, he is given the means to dispose of a proper instrument to organize his knowledge encyclopedia. The school notebooks study turns up like a privileged example of the material bibliography methods application to the handwritten objects carrying ordinary writings.

*SCHOOL HISTORY; ELEMENTARY SCHOOL; WRITING LEARNING; SCHOOL NOTEBOOK; MATERIAL BIBLIOGRAPHY; THE SCHOOL IN FRANCE.*

---

\* Professor associado ao Centre de Recherche sul le Brésil Contemporain da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Aí desenvolve pesquisas comparativas sobre a história social das práticas culturais da escrita. Participou das grandes investigações francesas sobre a história do livro e da leitura.

\*\* Formada em Psicologia pela PUC-SP (1997). Atualmente, é doutoranda do Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale da Universidade Paris-7-Denis Diderot. O texto conta com revisão técnica de João Hansen.

Ler, escrever, contar não foram sempre os fundamentos obrigatórios da instrução popular (Hébrard, 1988, pp. 7-58). As escolas, tanto as pertencentes ao mundo da reforma protestante quanto as do mundo da contra-reforma católica, assumiram tardiamente o objetivo de conduzir as crianças da cidade e, depois, as do campo, para além do “somente ler” que, no fim do século XVI, parecia ser o horizonte intransponível da instrução cristã. Aprender a escrever para fazer contas e para redigir algumas cartas comerciais exigidas desde o século XVII pela boa direção de uma loja ou de uma barraca não era uma coisa fácil. É necessária a perspicácia de algumas congregações, como a dos Irmãos das Escolas Cristãs, na França, para que a oferta da escrita pareça um dos meios mais eficazes para levar à escola e, portanto, ao catecismo, as crianças dos meios populares urbanos influenciados pela propaganda reformada ou, mais simplesmente, já descristianizados (Poutet, 1970). Depois das turbulências da Revolução, a preocupação de uma alfabetização mais completa difundida pelas idéias liberais e filantrópicas começa a visar as populações dos campos ainda imersas em uma cultura que privilegiava a oralidade. Agora não é apenas a formação cristã que está em jogo, porque trata-se de subtrair as populações do campo dos rumores, temores e paixões que são as sementeiras das revoltas camponesas. Os notáveis e as elites que atravessaram os tempos convulsionados da Revolução têm ainda na memória a lembrança dessas revoltas. Instruindo, a escrita pode erradicar as antigas culturas camponesas e abrir o espaço rural francês para a modernidade e a paz social<sup>1</sup>.

Para se redigir um texto simples, é preciso primeiro aprender a escrever. Em um mundo onde o papel é caro, onde pluma de ganso, difícil de ser cortada pelos dedos pouco hábeis das crianças, é o instrumento obrigatório da escrita, a aprendizagem desta exige tempo, portanto, dinheiro. É só no começo do século XIX que esta técnica complexa libera-se defini-

---

1 Sobre o papel da escola entre a Monarquia de Julho e a Terceira República, o debate foi reaberto por François Furet e Jacques Ozouf em 1977. As conclusões dos autores que levam a minimizar o impacto das políticas escolares do século XIX não implicam que não tenham sido pensadas e colocadas em prática de maneira voluntária por numerosos governos deste período (Hébrard, 1990, pp. 95-109). Sobre um dos aspectos mais originais destas políticas, ver Hébrard (1991, pp. 547-577).

tivamente das corporações especializadas dos mestres de escrita e de aritmética (Métayer, pp. 1217-1237), que até então a reservavam aos alunos cujos pais aceitassem pagar caro por um ensino individual, que passava obrigatoriamente pela redação dessa pequena obra-prima que é o caderno de caligrafia e de aritmética (Chassagne, 1989, pp. 137-144). Então, mesmo se o professor estivesse plenamente habilitado a ensinar a caligrafia, tal ensino era reservado àqueles alunos que não tinham abandonado a sala de aula depois dos dois ou três curtos anos necessários para aprender a ler. Em 1833, a oferta de escola está suficientemente generalizada. Cada município deve abrir ao menos uma escola para meninos. A demanda das famílias rurais supera a simples alfabetização cristã (o “somente ler”), que as satisfazia até então. Assim, mesmo que a França tenha conhecido, desde o século XVIII, uma escola centrada no ler-escrever e no contar, foi somente a partir das grandes reformas escolares da primeira metade do século XIX que esse novo *trivium* se torna o instrumento essencial de uma educação do povo urbano ou rural pela escola.

Não é suficiente, contudo, que a demanda e a vontade de oferta sejam explicitamente formuladas para tornar possível a difusão da escrita. É preciso haver mestres capazes de ensiná-la: o que deveria ser o objetivo das primeiras escolas normais que nascem, aqui e ali, depois das leis Guizot (Gontard, 1963). É necessária uma doutrina pedagógica que permita orientar eficazmente as aprendizagens; para este uso são destinados dois instrumentos, a gramática escolar, completamente dedicada à ortografia (Chervel, 1977), que nasce nesses mesmos anos; e os novos métodos de leitura, que combinam leitura e escrita, e que são publicados por Louis Hachette, editor quase oficial do Ministério da Instrução Pública (Nique, 1987) no período da Monarquia de Julho (1830-1848). São necessários, enfim, os instrumentos que possam permitir a escolarização dessa aprendizagem que durante muito tempo foi artesanal, limitada à relação dual do mestre com o aprendiz: tal será o papel da ardósia e do quadro negro para os iniciantes; ou o do caderno para os que já têm a mão mais treinada; e também, a partir de 1860, o papel da pena metálica que libera mestres e alunos da servidão limitadora da pluma de ganso<sup>2</sup>.

---

2 Sobre o material escolar no século XIX, ver os artigos correspondentes no

O caderno é um instrumento comum do aluno de colégio desde o século XVI. No *Ratio studiorum*, é freqüentemente designado pela expressão “livro branco” e seu uso é proposto em alternância com o do texto impresso com grandes espaços permitindo ao aluno anotar acima da linha a explicação, dada pelo regente da aula, sobre o texto clássico, grego ou latino, trabalhado<sup>3</sup>. Desde o começo do século XVII, ele também é o suporte obrigatório da obra-prima caligráfica que se produz na agência do mestre escrivão aritmético. Em contrapartida, o caderno torna-se ausente, na maior parte das vezes, das pequenas escolas até o século XIX (Chassagne, 1989). Quando a classe tem alguns “escritores”, mais freqüentemente é sobre folhas de papel empilhadas e não-costuradas que realizam os exercícios de escrita. Estes limitam-se à cópia de exemplos caligrafados (ou impressos por meio de chapas gravadas) em páginas que são penduradas na frente do aluno<sup>4</sup>. As recomendações insistentes dos grandes reformistas da pedagogia do século XVII sobre a necessidade de não mais se contentar com folhas soltas<sup>5</sup> mostram *a contrario* o que devia ser a prática rotineira das aulas.

---

*Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*, sob a direção de Ferdinand Buisson, Paris, Hachette, 1882.

- 3 Sobre o “livro branco”, ver por exemplo o *Ratio studiorum* do colégio de Messina em 1548 ou em 1553 ou ainda o *Ratio* do colégio romano em 1564 e 1565 (Lukács, 1974). Eu agradeço a Dominique Julia que me indicou as referências. Sobre a impressão dos textos clássicos ver Anthony Grafton (1981, pp. 37-70) (que estuda o conjunto de textos clássicos anotados por um estudante do colégio de Reims, em Paris, por volta de 1572-1573) e Jean Letrouit, pp. 47-56.
- 4 H.C. Rulon e Ph. Friot, 1962, e Jean Hébrard, “Des écritures exemplaires: l’art du maître écrivain en France entre XVIe et XVIIIe siècle”, *Mélanges de l’école française de Rome, Italie et Méditerranée*, 107, 2, 1995, pp. 473-523 (trad. port. feita pela editora Autêntica, no prelo).
- 5 Em *A Escola Paroquial*, Jacques de Batencour escreve: “O mestre da escola terá o cuidado de fazer trazer a cada um dos escritores uma mão de papel [a “mão” é uma medida de contagem do papel: uma mão compõe-se de 25 folhas] encadernado e coberto propriamente por uma folha de cartão; o papel não será umidecido mas bem seco, bem colado para que possa receber a tinta sem se borrar, eles manterão sempre o papel bem limpo, bem claro, sem orelhas o que o professor punirá rigorosamente (1654, p. 256). Jean-Baptiste de la Salle, um século mais tarde recomenda: “O professor tomará o cuidado de que seus alunos tenham sempre papel branco na escola. Neste caso, ele fará os alunos pedir papel para os pais quando restam unicamente seis folhas no pacote de papel. Ele terá mesmo o cui-

A generalização do caderno na escola primária, que pode ser situada no primeiro terço do século XIX, é certamente um acontecimento importante na evolução da alfabetização escolar. As fontes documentais existentes não nos permitem, porém, estabelecer uma verdadeira história do caderno escolar. Se estamos assegurados de sua presença numa parcela não negligenciável das classes desde 1833<sup>6</sup>, é somente a partir de 1860, quando sua prática é verdadeiramente corrente, que nós encontramos um *corpus* suficiente de cadernos nas coleções conservadas. Uma razão pode ser alegada para explicar esse *déficit* de dados das épocas anteriores: somente durante o Segundo Império (nos anos de 1860) é que começaram as grandes exposições internacionais que, dando espaço para as inovações escolares, induzem à coleta de objetos educativos que podem ser expostos<sup>7</sup>. É forçoso constatar, todavia, que não se pode dar a mesma explicação para justificar a boa conservação de cadernos redigidos nos colégios no século XVIII: eles são numerosos nas coleções públicas<sup>8</sup>

---

dado de, se algum aluno for negligente em trazer papel, ele não levará para casa o papel já escrito antes de vir com papel branco na escola. Todos os alunos trarão, a cada vez, pelo menos meia mão [12 folhas] de bom papel... Não se pode aceitar que o aluno traga papel que não esteja costurado, ou que não esteja dobrado em quadrado; é preciso que as folhas sejam costuradas em todo seu comprimento...” (Salle, 1994). Nós salientamos que até esta data o termo “caderno” não é utilizado (Cf. Jean Hébrard, 1999, pp. 9-50), tr. port.: Hébrard, 2000, pp. 29-62.

- 6 Quando François Guizot, ministro da Instrução primária, organiza, no começo das aulas de 1833, uma grande pesquisa sobre o estado do ensino primário, tenta *re-censear* todos os signos precursores de uma modernidade pedagógica que deseja desenvolver graças às leis escolares que ele acaba de promulgar. O uso dos cadernos é um dos sintomas desta modernidade. Os pesquisadores perguntam então aos professores se seus alunos escrevem sobre cadernos. O desenvolvimento desta pesquisa atualmente em curso no Serviço de História da Educação do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica permite afirmar que, desde essa data, numa academia mais para retardatária como a de Nîmes (departamento do Gard, de l’Archède, do Vaucluse e da Lozère), mais de uma classe em duas utiliza cadernos.
- 7 As primeiras coleções de cadernos do *Musée Pédagogique* (criado em 1879 sob a iniciativa de Jules Ferry) provêm dessas exposições. Os fundos encontram-se hoje no Musée national de l’éducation.
- 8 O Musée National de l’Éducation abriga uma bela coleção de cadernos do Antigo Regime. Numerosas bibliotecas os conservam em seus fundos antigos, como testemunha o *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques en France*, Paris, 1888.

e são negociados com preços a cada vez mais altos nas vendas especializadas. A contradição que se manifesta, portanto, para os cadernos da escola primária, entre testemunho e conservação, deverá ser esclarecida. Enquanto ela aguarda ser explicada, indica-nos um modo de análise que privilegia o enfoque antropológico em detrimento do enfoque histórico. Na medida em que o caderno escolar não é acessível, na sua realidade factual, a não ser no momento em que as práticas pedagógicas unificaram o seu uso, e isso por várias décadas, ele pode ser constituído em um conjunto de documentos característicos de um período importante da história escolar, o que se situa entre os anos 1860<sup>9</sup> e os anos 1960<sup>10</sup>. O caderno escolar é, nesse período, o suporte de uma prática de escrita que poderia ser a matriz de uma alfabetização escolar específica, a que leva a França rural a entrar definitivamente numa cultura “moderna” do escrito.

A aprendizagem da leitura e da redação de textos pôde efetuar-se sobre outros suportes além do caderno. Pedacos de papiros egípcios, tabletes de argila mesopotâmicos, cacos de vasilhames gregos (*ostraca*) têm traços de trabalhos de alunos<sup>11</sup>. O uso de tabuinhas de madeira cobertas de cera, freqüente nas escolas da antigüidade greco-romana, foi mantido durante toda a Idade Média e são conhecidos alguns trabalhos de pensionistas de escolas monásticas que utilizam o mesmo suporte. Sabe-se também que, desde a mais alta antigüidade, os alunos utilizavam areia fina para escrever; e que somente no século XVIII a ardósia<sup>12</sup> substitui, parece, essa ancestral muito econômica do rascunho, que ainda era prescrita pelos zeladores do modo de ensino mútuo na primeira metade do século XIX.

---

9 Este limite pode ser justificado pela pesquisa que nós fizemos alhures sobre os exercícios de redação na escola primária (Chartier e Jean Hébrard, 1993).

10 Este segundo limite poderia ser justificado pela aparição, ao longo desta década, de novos instrumentos (caneta esferográfica, caneta hidrográfica), de novos suportes em folhas (os de listar, as fichas policopiadas para completar, fichários editados) e, sobretudo, de uma assimilação do caderno aos arcaísmos pedagógicos que as inovações dos anos 1970 vão combater.

11 *Naissance de l'écriture*. [Catálogo da exposição realizada no Grand Palais em Paris em 1981], Paris, Reunião de Museus nacionais, 1981; Goody, 1977.

12 E. Brouard, Art. “Ardoises”, em Buisson, op. cit.

Cada um desses objetos mereceria um estudo aprofundado. É o caso do quadro negro, superfície coletiva apagável, que permite a generalização do ensino simultâneo inventado pelos Irmãos das Escolas Cristãs (Salle, 1994). É o caso da ardósia, último avatar desses suportes propícios aos ensaios que servem ao mesmo tempo ao cálculo escrito (a divisão e a subtração impõem ensaios e, portanto, apagamentos sucessivos) e ao treino de mãos pouco hábeis num tempo em que o papel continua caro. É o caso do caderno, ao qual nós aqui nos restringiremos<sup>13</sup>.

O caderno, tanto por sua inserção na história da escola quanto pela preocupação de conservação da qual ele foi objeto, é certamente um testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita. Graças às coleções do *Musée National de l'Éducation*<sup>14</sup> e a alguns arquivos privados de que fomos amavelmente comunicados<sup>15</sup>, dispomos, no que se refere à escola primária, de um conjunto de vários milhares de peças que se estende sem ruptura de 1860<sup>16</sup> até hoje. Cadernos de deveres (deveres da escola e deveres de casa, separados ou juntos), cadernos reservados a uma disciplina particular (escrita para as classes dos primeiros anos escolares, história, geografia, lições de coisas<sup>17</sup>, redações para os alunos maiores), mais raramente cadernos de correções de deveres, constituem o essencial do fundo. É preciso acrescentar, a partir dos últimos anos do século XIX, os “cadernos de rodízio”<sup>18</sup> (mantidos a cada dia por uma criança diferente) e, os que foram conservados

---

13 O presente estudo retoma os elementos de uma pesquisa cujos primeiros resultados tinham sido publicados em colaboração com Christiane Hubert em *Enfances et Cultures*, 2, 1979, p. 47-59, sob o título “Fais ton travail!”

14 Musée National de l'Éducation, 39, rue de la Croix-Vaubois, 76130 Mont-Saint-Aignan. O MNE é um serviço do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica.

15 Eu agradeço particularmente a M.-A. Touyarout, A. Xerri e J.-C. Pompougnac.

16 O Museu possui também um pouco mais de uma centena de cadernos de escola primária do período que vai da Revolução a 1860.

17 “Leçon de choses” (lição de coisas) é o nome da seguinte prática: o professor coloca frente aos alunos um objeto. Por exemplo, uma maçã. Os alunos devem então descrevê-lo: tamanho, cor, forma, textura, dimensão etc.

18 O “caderno de rodízio” era um caderno coletivo da classe. A cada dia, uma criança é encarregada de escrever as aulas nele. É chamado “de rodízio” pois é um caderno que “roda” na classe e cada aluno tem sua “rodada”.

mais tardiamente, os “cadernos de provas mensais” destinados à avaliação contínua do aluno ao longo de toda a sua escolaridade.

Há um grande ausente nos arquivos: o “caderno de rascunho” [Documento nº 1]. Parece que o papel não foi uma memória melhor que a ardósia ou o quadrado de areia fina. Mesmo sob a impulso de alguns inspetores preocupados em dar carta de nobreza a tal caderno – ele tornou-se *cahier d’essai*<sup>19</sup> (a expressão ocorre, parece, em 1950) –, ele não foi reconhecido como digno de ser conservado pelos professores ou pelas crianças e suas famílias. Não se pode esquecer que, sobre a ardósia e sobre o rascunho, efetua-se um trabalho caracterizado, contrariamente ao primeiro, pela sua existência precária e efêmera.

É sobre os cadernos, contudo, que nos limitaremos: de um lado, porque são os únicos documentos disponíveis em grande quantidade durante uma duração suficiente; de outro, porque o uso deles parece constituir, depois da metade do século XIX até hoje, uma parte essencial do tempo escolar; e, enfim, porque gostaríamos de mostrar que, no momento mesmo em que o exercício se torna o centro do trabalho escolar de alfabetização, o caderno não só se oferece como suporte do mesmo, mas ainda lhe confere a sua verdadeira significação.

## Exercícios de Todos os Tipos

Examinando detidamente pilhas de cadernos, pode-se constatar a extraordinária permanência das produções de alunos por mais de um século: os trabalhos de Saint-Just P., aluno normando, em 1893, assemelham-se completamente aos de Marguerite B., de Asnois na Nièvre, que não se esqueceu de decorar com uma guirlanda de flores um ditado comovente do começo do ano letivo de 1914, que se intitula “A Mobilização”, no qual ela cometeu dois errinhos. Esses dois cadernos são muito parecidos ao de um aluno anônimo de uma escola de Castres, que conserva o estojo de penas metálicas, em 1956.

---

19 A expressão “*cahier d’essai*” é usada para obrigar os alunos a escrever com aplicação no caderno de rascunho (“*cahier de brouillon*”).

É particularmente a permanência das disciplinas votadas ao caderno o que chama a atenção. Nele o ditado<sup>20</sup> reina soberano, sendo apenas suplantado nas classes dos primeiros anos escolares pelo exercício de escrita; ele é freqüentemente seguido do exercício de análise gramatical ou sintática e de exercícios de vocabulário (famílias de palavras, homônimos, sinônimos, antônimos, definições). Só um pouco menos freqüente que o ditado, o problema de aritmética constitui o segundo pólo do caderno. Substituído nos primeiros anos escolares por páginas de operações ou listas de números, ele incide quase sempre sobre os mesmos temas: despesas, distâncias e pesos, juros e descontos (com muito mais freqüência do que os famosos problemas de “caixa d’água”), cálculos de superfície e de volumes, assim como problemas de cálculo do número de estacas necessárias para a demarcação de terrenos e manutenção de casas e de propriedades agrícolas. A isto é preciso acrescentar dois outros exercícios que intervêm mais episodicamente: a redação (o exercício de estilo nos cadernos mais antigos) e o mapa de geografia, essencialmente regional. Evidencia-se que os conteúdos relativamente variados dos cadernos não reproduzem exatamente a repartição das disciplinas no emprego do tempo cotidiano da aula. Há disciplinas que aí se encontram absolutamente sub-representadas, na medida em que elas não engendram exercícios específicos: a história, por exemplo. Porém elas são encontradas em outros lugares, deslocadas, nos ditados ou nas redações, como testemunham estes títulos pinçados ao acaso na produção de 1893: “Marceau”<sup>21</sup>, “Condé em Rocroy”<sup>22</sup>, “As cidades no tempo de São Luís”<sup>23</sup>. Elas se aproximam muito dessas outras disciplinas essencialmente “instrutivas”, as ciências da natureza, a agricultura, a tecnologia, a educação domésti-

---

20 O ditado, na França, é um ditado de textos e não de palavras.

21 Jovem mártir da Revolução de 1789.

22 Chefe militar do século XVII, vencedor da batalha de Rocroy.

23 É preciso assinalar que o caderno, pela sua capa, é ele mesmo um pequeno manual de história. Ele se apresenta até o fim do século XIX com uma imagem histórica (freqüentemente dedicada à guerra de 1870 na qual as províncias de *Alsácia e Lorena* foram conquistadas pela Alemanha) na capa e um breve texto para se aprender o que é a pátria e como é preciso sacrificar tudo por ela.

ca e a higiene: “Utilidade dos pequenos pássaros”, “A cozinha”, “A vida das plantas”, “O boi”.

É sobretudo a educação moral que se expressa por meio dos numerosos exercícios. Quantas linhas de escrita repetem insistentemente “Na escola, é preciso trabalhar bem”? Os ditados também têm títulos eloqüentes: “A pátria”, “A fraternidade”; as redações propõem pequenos problemas práticos: “Você encontrou um porta-moeda...”. Às vezes, assistimos mesmo a sapientes encadeamentos. Em um caderno de 1930, no dia 11 de fevereiro, as crianças se aplicam a copiar uma máxima: “O mais rico dos homens é o econômico”; no dia 17, eles labutam sobre o seguinte problema: “Um operário ganha 65 francos por dia de trabalho, mas tem o infeliz hábito de não trabalhar na segunda e, além disso, de gastar inutilmente no botequim 45 francos por semana. Se ele economizasse o dinheiro que deveria ganhar às segundas e o dinheiro que gasta sem necessidade, qual soma teria no final de 10 anos e qual seriam os lucros sobre esta soma a juros de 3%?” No dia 18 de fevereiro, para afinar a reflexão moral, copia-se com muito cuidado uma máxima que estigmatiza o “avaro”.

Assiste-se assim a uma duplicação permanente das finalidades de cada prática escolar: tudo serve para tudo e nada se perde! O deslizamento pode até tornar-se circular, quando o conteúdo de um exercício fornece o modo de emprego do seguinte. Por exemplo, esses ditados consagrados à arte de redigir cartas ou à necessidade de conservar o estojo em bom estado para escrever melhor. Produzindo dessa forma pau para toda obra, a escola termina por gerar uma infinidade de exercícios a partir de uma limitada base inicial de conteúdos de conhecimentos ou de técnicas (*savoir faire*)<sup>24</sup>.

Esta relativa mobilidade dos conteúdos do exercício pode fazer supor que o que constitui a sua especificidade encontra-se em outro lugar além do recorte disciplinar. Ora, o que chama a atenção, quando se observam as séries de cadernos pondo-se de lado a leitura da litania cotidiana dos títulos de lições e de exercícios, é o trabalho de organização da página aí

---

24 Sobre este uso do exercício escolar, poder-se-ia consultar a análise muito pertinente de Guy Vincent, 1980.

manifestado. Pois os exercícios não são inscritos apenas com letras bem traçadas; estas são dispostas sobre a página segundo cânones relativamente estáveis. Os parágrafos são separados por traços de diversas larguras; as margens são organizadas e desenhavam espaços complexos e perfeitamente regrados; os títulos são hierarquizados com todas as sutilezas da arte de sublinhar com um ou vários traços. Pode-se levantar, assim, a hipótese de que uma descrição do exercício escolar passa por uma tipologia da “apresentação” dos trabalhos inscritos nos cadernos<sup>25</sup>.

## Copiar

O que se “apresenta” primeiramente é uma espécie de grau zero da organização da página, um preenchimento consciencioso de cada linha e cada página, uma densidade máxima de escrita que, ainda que respeite os espaços entre as palavras e a pontuação, não deixa de lembrar esses manuscritos medievais, nos quais o copista parece inicialmente preocupado em dar a ver a regularidade do espaço gráfico antes de permitir que se leia o texto dele. Adivinha-se que o essencial está aí mesmo, no ato de escrever, ou de “fazer páginas”, como o sublinham em 1887<sup>26</sup> alguns pedagogos preocupados em denunciar práticas que julgavam abusivas. No entanto, percebe-se bem que a “cópia” está no centro mesmo da alfabetização quando esta se propõe a ensinar não somente a ler, mas também a escrever<sup>27</sup>. Copiam-se linhas de escrita de uma pena mais ou menos hábil [Documento n° 2], ou de uma caneta esferográfica mais ou menos nítida. Em julho de 1907, uma pequena Mathilde repete insistentemente, a cada

---

25 Esta abordagem do caderno escolar se inscreve, como disse, na perspectiva aberta por David McKenzie e Roger Chartier, na qual se aplicam as técnicas da bibliografia material à história dos usos do impresso. Eu procuro estender a pesquisa na direção dos manuscritos ordinários, privilegiando, no momento, dois tipos de suportes: os escritos pessoais (Hébrard, 1999) e, no presente trabalho, o caderno escolar.

26 Art. “Copie”, em Buisson, op. cit.

27 Uma teoria desta entrada da cópia na escrita escolar é dada nas revistas pedagógicas do século XIX. Ver Chartier e Hébrard, 1993.

linha de uma longa página, “*Nul bien sans peine*” (“Nenhum bem sem esforço”) e, como a linha efetivamente não terminou logo após o ponto final de sua frase, ela acrescenta, com um último cuidado de não perder nada, “*Nul b*” (“Nenhum b”), e mesmo, algumas vezes, quando apertou as letras, “*Nul bi*” (“Nenhum be”). Não é com o mesmo espírito que um pequeno Pierre, da região parisiense, pôs-se, em 1965, a recopiar em um quarto de página deixada em branco no fim de seu caderno, no fim da jornada escolar, o começo dos exercícios da manhã do mesmo dia? Não existiam mais exercícios no programa, mas sobrava ainda um pouco de papel para usar: a cópia se impõe por ela mesma, então, como último traço da atividade do aluno, mais condicionada pelo suporte que pelo projeto instrutivo. E esse caderno do mês de julho de 1892, atingido antes da sua última página pelo encerramento anual dos trabalhos escolares, que se torna naturalmente um caderno de deveres para as férias “selvagem”? Ele tem então o traço de cópias de cópias, de linhas de escrita onde o ar das férias apaga de repente as eternas máximas em proveito de nomes e prenomes de todas as crianças da família, cuidadosamente caligrafados com uma bela letra gótica, e também em proveito de afirmações solenes, como “Rouget de l’Isle criou a Marselhesa em Strasbourg no momento da Revolução francesa (1789-1793)”, destinadas a mostrar que os conhecimentos não se esvaneceram todos com o verão.

Inspetores e renovadores pedagógicos conservaram exemplares dessas cópias que constituem o núcleo denso dos cadernos, retendo sobretudo a quantidade delas. É forçoso constatar que elas também se caracterizam por sua qualidade: escrita e ortografia são as preocupações maiores dos professores e eles obtêm bons resultados, ao que parece, pelo menos nos cadernos conservados. Imagina-se com boa vontade a aplicação – e a vigilância – que presidiram tais esforços quando a cópia é feita do rascunho ou da ardósia para o caderno<sup>28</sup> ou quando ela é simplesmente cópia de um modelo (de escrita) desenhado no caderno pelo mestre, ou quando, enfim, é a retranscrição do “resumo” escrito na lousa ou tirado do manual. É nessa qualidade da cópia que parece desenhar-se a evolução

---

28 Como este caderno de “relevé de ditados” conservado no Musée National de l’Éducation (caixa 3.4.04, Documento n° 799643).

diacrônica mais clara. Sobre um caderno datando de 1873 [Documento nº 3], que foi posteriormente encadernado com couro e que traz as palavras elogiosas de um inspetor geral em visita à escola, o “passar a limpo” está no centro mesmo da atividade: não há nenhum erro, nem mesmo uma rasura. A correção da professora é discreta e feita como que para evitar qualquer traço que não seja o que se inscreve no quadro cuidadosamente traçado onde se fecha cada página. A escrita é fina e regular, de uma legibilidade absoluta. Para além do que foi assim copiado, à razão de duas ou três páginas por dia de aula (estamos no fim dos estudos), o modelo visado é o livro. Nesse tempo em que o escrito é raro, particularmente no meio rural, em que as edições para crianças de Hetzel e Hachette ainda só atingem, devido ao seu preço, um público burguês e extremamente limitado, o professor sabe que o caderno corre o risco de ser, ao lado do manual de leitura, o único “livro” que a criança pode olhar e mesmo guardar no termo de sua escolarização. O caderno se esmera, portanto, em imitar o livro, um livro severo, sem ilustrações, que se assemelha a estes manuais de leitura corrente dos manuscritos, que foram publicados depois da invenção da litografia, durante a Restauração, até a *Belle Époque*. Mesma organização econômica da página, mesmo uso do título, do traço e do duplo traço e, sobretudo, mesmo conteúdo: uma miscelânea dos saberes diversos que a escola oferece (Ambroise Rendu Fils, s.d.).

No fim do século XIX, a ilustração se faz mais freqüente: título enfeitado, pequeno desenho ilustrativo colorido nos maiores, pequenos desenhos geométricos embaixo das páginas (como frisos), ao fim do dia. Como não evocar os manuais de leitura da Terceira República e mais particularmente o famoso *Tour de la France par deux enfants*<sup>29</sup>? É verdade que a imagem ocupa, desde o fim do Segundo Império, um lugar especial nessas “lições de coisas” que, graças a Madame Pape-Carpentier e em nome de um empirismo direto, vindo da Grã-Bretanha – Alexander Bain é seu teórico incontestado –, fizeram uma entrada rápida nas “salles

---

29 Bruno, 1877. Sobre esta obra, célebre na França como *Cuore*, na Itália, ver Jacques e Mona Ozouf, 1984, pp. 291-322.

d'asile” (escolas maternais) e, depois, nas escolas<sup>30</sup>. Os editores escolares utilizam agora a gravura sobre a madeira de topo, cuja técnica foi exposta nas grandes revistas ilustradas, como o *Magasin pittoresque* ou a *Illustration*. Ela é menos cara que a gravura sobre cobre de seus precursores da Restauração e, sobretudo, integrável ao próprio texto. Graças ao poder evocador das imagens, o livro não é mais esse objeto austero que devia ser até então. Ele ensina tanto por suas representações quanto por seus textos. O aluno, fascinado pelas gravuras sem conta que lhe são oferecidas, procura apresentar seus cadernos de maneira semelhante: desenhos de observação e ilustrações alternam-se ao longo das páginas [Documento n° 4].

No entre-guerras, desde 1920, a redação ilustrada é um exercício que permite aos mais hábeis mostrarem sua competência (*savoir faire*) [Documento n° 5]. No início, exercício de estilo realizado graças ao suporte de uma seqüência de imagens que dão ao aluno um fio narrativo para construir seu relato, este exercício o conduz naturalmente a reproduzir ou copiar no seu caderno as gravuras que lhe eram oferecidas pelo manual escolar. O caderno de recitação onde se monta com amor uma pequena antologia da poesia nacional permite casar da mesma maneira o texto e o desenho mais ou menos colorido<sup>31</sup>.

Será preciso esperar o começo dos anos 1950 para que os cadernos se abram à fotografia, ao cartão postal ou ao recorte da página de revista. Um professor dos anos finais de estudos de Clermont-Ferrand escreve na margem de um deles: “O caderno está muito bem mantido. Complete sua documentação”. Nesta data, o caderno não precisa mais substituir o livro do qual cada aluno está gratuitamente provido. No entanto<sup>32</sup>, como ocor-

---

30 Ver os artigos correspondentes no *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*, op. cit.

31 Encontra-se um traço do caderno de poesia numa das produções escritas mais características do tempo do serviço militar, o caderno de canções, muito em voga depois do começo do século XX, ele também ilustrado por ingênuos desenhos coloridos. Ver Daniel Roche e Fanette Roche, 1979, pp. 15-28, assim como Rémy Pech, 1982, pp. 3-32.

32 Sobre a evolução do manual escolar, ver Alain Choppin, 1986, pp. 281-306, assim como 1990.

re freqüentemente nas práticas de escolarização, ele continua a evoluir como evolui o modelo que ele tinha escolhido, mesmo se mantém esse ligeiro desnível que o constitui como produto artesanal no momento em que seu modelo de referência há muito foi industrializado.

## Fazer Listas e Tabelas

O espaço de escrita dos cadernos dos alunos não é, no entanto, totalmente ocupado por essas páginas de cópias. Aí se intercalam outros tipos de grafismos que economizam mais papel, mas que são, talvez, mais restritivos: listas e tabelas. A escrita se encarrega aí de uma nova função, mesmo se se trata sempre de reescrever: palavras, frases ou operações. Todavia, a cada reinscrição, o aluno deve operar uma transformação na apresentação gráfica. Por exemplo, em um determinado exercício de gramática [Documento nº 6], uma frase antes copiada sobre toda a extensão da linha (“A preguiça e a gula levam a todos os vícios”) é em seguida cortada em cada uma dessas palavras e depois disposta verticalmente, esta vez à esquerda de um traço que duplica o traço vermelho da margem. O aluno deve, em seguida, escrever em frente de cada palavra a parte da oração correspondente, seu gênero, grau e função na frase.

### *A preguiça e a gula levam a todos os vícios*

A	artigo, feminino, singular, determina preguiça.
preguiça	nome, feminino, singular, sujeito do verbo levam.
e	etc.
a	
gula	
levam	
a	
todos	
os	
vícios	

Quase todos os exercícios de gramática ou de vocabulário [Documento nº 7] utilizam, assim, esta “organização em lista”. Esta pode ser tanto o ponto de partida, como o objetivo do exercício propriamente dito, mas ela é freqüentemente precedida de uma frase ritual que a justifica ou que inicia o processo. Por exemplo, nas análises sintáticas: “Esta frase contém três proposições já que ela contém três verbos em um modo pessoal” (1914) e algumas décadas mais tarde, em 1956: “Esta frase contém três verbos em um modo pessoal, portanto três proposições”. A partir do enunciado desta advertência, convém transcrever isoladamente cada uma das proposições reconhecidas, recopiando-as. E sente-se pelo vigor das correções que, se um erro na própria análise é desculpável, uma inexatidão na transcrição da frase de introdução é uma “falta”<sup>33</sup>. Assim, põe-se em ação um automatismo de escrita, na reprodução de uma fórmula, no sentido quase litúrgico do termo, que é ao mesmo tempo abertura obrigatória do exercício e planificação da tarefa de “organizar em lista” que será executada. Na análise gramatical, à disposição regrada acrescenta-se também o ritual das expressões que designam na coluna da direita as classes gramaticais e as funções sintáticas:

a | artigo simples, feminino, singular, determina vestimenta

Ainda aí a criança escreve muito, mas o trabalho de “organizar em lista” não é somente o de escrever num outro sentido, mas o de reorganizar profundamente a relação do escritor com a linguagem. Na cópia havia somente lições transcritas; no trabalho de “organizar em lista”, obtêm-se palavras escritas, extraídas de seu contexto de enunciação, separadas, recolocadas em ordem e, de algum modo, objetivadas pelo ato da escrita. Neste sentido, estas palavras oferecem-se ao trabalho específico de uma aculturação escrita: elas não falam mais, tornam-se objetos do saber.

Jack Goody ressalta, numa obra que se tornou clássica (Goody, op. cit.), que a introdução da escrita numa sociedade se traduz por uma rees-

---

33 Em francês existe uma diferença importante entre *erreur* (erro) e *faute* (falta): uma falta na escola é um erro que tem uma dimensão moral (falta de atenção, de cuidado, de trabalho etc.).

truturação dos modos de pensar. O “organizar em lista” lhe aparece como o lugar originário desta reestruturação no sentido em que ela troca a ordem linear e unidimensional da palavra por um espaço onde se tornam possíveis outras ordens e, mais particularmente, classificações próprias à escrita (ordem alfabética, reagrupamentos temáticos, enciclopédicos etc.). Prolongando sua análise, não se poderia pensar que é por meio desta espacialização da linguagem que a escola procura fazer as crianças entrarem na cultura escrita? É o que parece que se pode ler nos cadernos.

Os problemas de aritmética também repousam sobre exigências gráficas. Depois da metade do século XIX, os professores parecem estar à procura da disposição que permitiria a melhor inscrição desses exercícios no espaço do caderno. Primeiro situados em plena página [Documento n° 8] como um simples ditado, os problemas instalam-se rapidamente sobre duas colunas, sem com isso especializar cada um dos espaços assim disponíveis [Documento n° 9]. No fim do século XIX, os professores descobrem uma organização da página perfeitamente codificada e que se revela um modelo de gestão do espaço do caderno. Primeiro, e sobre toda a linha, o enunciado do problema; depois, uma divisão da página em duas colunas desiguais (um terço, dois terços). Na coluna estreita, identificada pelo título “Operações”, recopiam-se adições, subtrações ou multiplicações sob forma “de conta”; na coluna larga, consagrada à “Solução” (às vezes chamada de “Desenvolvimento” ou, para satisfazer os professores mais exigentes, “Solução desenvolvida”), explicita-se com fórmulas estereotipadas da língua escrita as operações colocadas na outra coluna. Por exemplo, este começo de problema escrito em 1893:

Um comerciante de vinho recebeu 200 litros de vinho de média qualidade. Para melhorá-lo, ele mistura 300 litros de vinho de melhor qualidade. De quantos litros de vinho misturado ele dispõe?

Operações	Solução
300	Misturaram-se 200ℓ de vinho + 300ℓ de vinho =
+ 200	500ℓ de vinho
<hr/> 500	

O comerciante tem 500ℓ de vinho misturado

Para terminar o exercício, na última linha da coluna “Solução”, ou às vezes mesmo sobre toda a extensão da página, a “resposta” pedida é explicitamente formulada nos termos tomados do enunciado. Por exemplo, ao fim de um problema de costureira: “*Resposta: o comprimento do fio enrolado na bobina é de 39 metros e 270 milímetros*”.

Este modo de “organizar (n)a página” vale para todos os exercícios de cálculos, não importa o seu domínio de aplicação e a sua complexidade. As colunas se alongam conforme o fio da escolaridade, mas o procedimento permanece o mesmo. Nós encontramos, desde 1882 até hoje [Documento nº 10], esta mesma visualização das diversas dimensões do trabalho das crianças: a leitura do enunciado e a aplicação das quatro operações, dimensões que só existem pela mediação evidente de uma terceira, que consiste em “grafar” o processo.

Depois de 1970, o caderno freqüentemente cedeu o lugar ao fichário no qual o aluno não precisa mais construir sua “organização de página”. Todavia, o fichário implica sempre o mesmo espírito de organização do saber: organizar em lista e organizar em tabela. Neste sentido, fichários de matemática e fichários de gramática assemelham-se ainda mais que os exercícios de cálculo e de análise gramatical de décadas atrás: cada resposta é esperada no lugar que lhe é designado entre muitas outras tabelas.

Assim, enquanto o caderno se abria ao exercício, uma nova técnica intelectual e uma nova forma de pensar nasciam. A tabela, bidimensional, estandarizada, que exclui o mais possível a ambivalência, revela uma exigência prioritária de ordem e de exaustividade que nos reenvia ainda à escrita. Como sugere Goody, “uma das características da forma gráfica é a tendência a dispor os termos em linha e em colunas, isto é, linearmente e hierarquicamente, de maneira a dar a cada elemento uma posição única que define sem ambigüidade e em permanência sua relação com os outros” (ibidem).

Talvez agora se possa compreender a persistência obstinada de anotações do tipo “Mal apresentado”, “Mal disposto”, “Traços mal traçados” etc. Elas não são sinal de uma mania absurda do professor que supostamente não se importaria com o essencial, como a exatidão ou a falsidade do resultado, a elegância do desenvolvimento etc. É preciso ver,

de fato, o apelo permanente à necessidade de respeitar técnicas propriamente gráficas para assimilar um processo intelectual específico, um saber repertoriar, ordenar e classificar. Pode-se julgar a assimilação destas técnicas subjacentes aos exercícios por esta última página de um caderno no qual oito linhas não empregadas permitiram este trabalho exemplar, ainda que improvisado (a escrita é subitamente muito pouco caprichada):

Passables: 1

Vu, Bon:  $1 + 1 + 1 = 3$

Assez-bien:  $1 + 1 + 1 + 0 = 3$

Médiocre: 0

Points:  $1 + 2 + 3 + 1 + 1 + 1 + 2 + 1 + 1 + 3 + 1 + 3 + 1 = 21$  bons points

Très bien:  $1 + 1 + 1 + 0 = 3$

Bien:  $1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = 7$  biens

Fautes:  $2 + 2 + 2 + 1 + 2 + 1 + 0 = 10$  fautes

Demi-fautes:  $1 + 1 = 2$  demi

Vu:  $1 + 1 + 1 + 1 = 4$  vus<sup>34</sup>

Esta colagem de uma informação dispersa, esta organização em lista, esta contagem, todo este procedimento constituía em síntese um puro exercício escolar, ainda que ele seja realizado aqui para fins totalmente pessoais. Falta apenas um “muito bem” do professor que, pela sua inscrição na margem, viria fechar esta circularidade própria do trabalho escolar que só é fiel a ele mesmo quando ele se toma por objeto.

## Fazer uma Agenda

Fazer páginas, organizar listas ou tabelas não esgotam a atividade vista nos cadernos. Um outro tipo de organização gráfica merece ser

---

34 *Passable, Vu, Bon, Assez-bien, Médiocre* etc. são as apreciações que os professores colocam nas margens dos cadernos em frente de cada exercício. Os *points* (ou *bons points*) são pequenas imagens para gratificar o trabalho bem feito. Nos ditados, os erros são contados por *fautes* (faltas) e *demi-faute* (meia-falta).

sublinhada, tanto pela sua freqüência, como por sua importância funcional. Poder-se-ia ver aí a aprendizagem da arte de fazer uma agenda, já que, neste caso, é a ordem cronológica que governa a disposição do grafismo sobre a página. De fato, muito rapidamente, instala-se o hábito de escrever a data no cabeçalho de cada série de exercícios. Se até 1914 encontram-se ainda alguns cadernos não datados, depois desta data cada dia de aula começa inevitavelmente pela escrita cuidadosa do dia, da semana, do mês e, freqüentemente, do ano. Alguns professores especialmente aplicados chegam mesmo a anotar a hora [ver Documento n° 8 já citado]. Por vezes encontram-se mesmo subdivisões mais estruturais: por exemplo, em “Aula da manhã” e “Aula da tarde” (1907). Ou ainda a divisão se opera entre “trabalho em classe” e “trabalho em casa”, como por exemplo, “Jornada da segunda-feira, 19 de janeiro” e “Deveres para casa” (1948). Num primeiro tempo estas inscrições parecem ter somente como função mostrar a densidade de um dia de trabalho. Assim, se Saint-Just P. escreve em média somente duas páginas por dia em 1893, na véspera de conseguir passar com sucesso seu certificado de estudos primários<sup>35</sup>, Marguerite B., em 1913, quando ainda não tinha 7 anos escreve, no mesmo tempo, quatro páginas de exercícios. Mas, desde 1900, uma tendência que já se manifestava nas décadas anteriores toma de repente importância considerável na economia dos cadernos. Trata-se de fazer aparecer, entre os exercícios, todo um memorândum da vida escolar, informações sobre as lições do dia que não foram acompanhadas de exercícios ou, simplesmente, um título [Documento n° 11]. No começo, somente as “grandes matérias” parecem ser referidas. Em 12 de abril de 1893, sob a rubrica “Instrução moral”, lê-se o título: “Exemplos do patriotismo na Grécia Antiga”.

Logo acrescentam-se todas as matérias da escola, mesmo as mais recentemente inventadas. Em 17 de julho de 1907, faz-se referência à “Economia doméstica”, à “Geometria”, à “Recitação”; segue-se um exercício de escrita, depois um problema (trata-se aqui somente da aula da manhã). Vê-se aí o que está em jogo. Certamente trata-se ainda de escre-

---

35 O “certificat d’études primaires” é o exame (muito esperado) do fim dos estudos primários.

ver, mas desta vez de uma escrita cuja função é ordenar o tempo escolar, inscrever o traço de seu curso regular e sem imprevistos, habituar as crianças a este tempo repetitivo dos dias na escola. Como escreve, em 1868, Charles Defodon, redator chefe do *Manuel Général de l'Instruction Primaire*<sup>36</sup>, “Páginas de escrita ditadas, análises gramaticais, resumos de leitura, cartas de geografia, problemas de aritmética com os cálculos e a solução, tudo encontra em seguida e no seu lugar”<sup>37</sup>. Acrescentando-se, aos exercícios citados por Defodon, a lembrança de cada uma das lições, dá-se à jornada escolar uma coerência definitiva e assim, acaba-se com todo o tempo ocioso. Deste modo, habitua-se o aluno a pensar o tempo de um dia como uma seqüência regular de tarefas, o tempo da semana como uma seqüência regular de jornadas de trabalho. Dá-se à criança um equivalente destas agendas tomadas do século XIX onde cada um, particularmente se ocioso, tem o prazer de redigir suas ocupações cotidianas<sup>38</sup>.

O caderno-agenda possui talvez uma outra importante função: ele se torna prova irrefutável do trabalho realizado. A discussão pedagógica sobre a utilidade de ter um ou mais cadernos, tão freqüente nos anos 1860-1890 toma aqui todo sentido. Ter vários cadernos na escola primária, um para cada matéria, é macaquear um pouco o ginásio, mas é sobretudo dispersar a atenção, tanto a do aluno como a do professor, ou mais ainda das pessoas encarregadas da supervisão do trabalho dos dois protagonistas da escolarização: a família, para o aluno, e o inspetor, para o professor. Se se sabe que existe um registro – o “diário de classe” ou, mais recentemente, o “caderno-diário” (*cahier-journal*) – no qual o professor anota suas atividades, o caderno único parece o meio ideal de controlar o trabalho efetuado pelo professor sobre cada trabalho de aluno. Charles Defodon não se engana em 1887: “O diário de classe, que hoje é adotado em todas as escolas do departamento de Yonne, indica, dia a dia, hora por hora, a natureza das lições e dos exercícios; no caderno único, as datas e a hora em que o dever foi feito, qualquer que seja

---

36 Esta revista é a mais importante das revistas pedagógicas desde 1833 até o fim do século XIX e tem um estatuto oficial.

37 Charles Defodon, art. “Cahiers scolaires”, em Buisson, op. cit.

38 Sobre agendas, ver L. Braida, 1998, pp. 137-167 e Hébrard, 1999, pp. 9-50.

sua natureza, estão exatamente indicadas, de modo que o caderno do aluno é o meio de controlar o diário de classe” (Charles Defodon, op. cit.).

A instituição, nunca obrigatória mas sempre recomendada, do “caderno de *roulement*” no qual cada aluno, na sua rodada, escreve todos os exercícios do dia, mostra, depois do fim da guerra de 1914-18 até 1970, esta preocupação de controle. Assim, num “caderno de *roulement*” parisiense de outubro de 1948, pode-se verificar que a jornada da sexta-feira foi consagrada sucessivamente ao canto (desempenhado por um professor especial), ao cálculo (o problema é colocado, resolvido e corrigido), ao desenho (precisa-se novamente a presença de um professor especial); à geografia (o tema era “A repartição dos continentes e dos mares”) e à leitura (título do trecho: “A sabedoria de um palhaço” de Rabelais).

Do lado do controle do aluno, o “caderno de deveres mensais”, obrigatório desde 1882, permite juntar as provas realizadas durante toda a escolaridade elementar de um mesmo aluno e de verificar assim, numa só olhada, seus necessários progressos<sup>39</sup>. Mas o simples “caderno do dia” basta para estabelecer a ligação entre a escola e a família. J. Tronchère, num *Guide du Débutant* dos anos 1960 (Tronchère, 1967), escreve a este propósito: “Os pais de alunos não assistem a vossas lições. O ponto de contato entre eles e vocês, por meio das crianças, é o caderno...”. É isto portanto que permite o caderno: “apresentar” o trabalho escolar para que ele se ofereça ao controle. É a maneira de escrever, de “bem escrever” que é então, em si mesma, um exercício do qual cada um, profissional ou não profissional, poderá verificar a qualidade.

---

39 Em ocasião da confirmação (1887) da regulamentação (1882) que obriga cada professor a fazer seus alunos manterem um caderno de deveres mensais, W. Marie-Cardine, inspetora da academia da *Manche*, faz um relatório dos avanços desta inovação e das resistências que ainda se manifestam (*Le Cahier de devoirs mensuels. Textes réglementaires, études sur le cahier de devoirs mensuels, circulaires des inspecteurs d'académie, bibliographie, Mémoires* e documentos escolares publicados pelo Musée Pédagogique, fascículo n° 43, Paris, Delagrave e Hachette, 1888). Aí está um notável panorama do uso deste tipo de caderno na França do fim do século XIX.

## Cadernos, para Fazer o quê?

O caderno, ao que se vê, não é redutível ao suporte de papel necessário à aprendizagem da escrita. Ordenando o espaço e o tempo do trabalho escolar nas três dimensões de suas páginas<sup>40</sup>, ele conduz o aluno a entrar no exercício repetido das suas capacidades de inscrever os saberes e *savoir faire* na escrita. Ele dá portanto à escrita escolar seu sentido e sua especificidade: ela é antes de tudo um exercício.

O estudo dos cadernos escolares parece mostrar que, por meio do exercício, passa a acontecer não somente uma técnica do corpo mas também uma técnica intelectual específica feita do saber de fazer *gráficos*. Fazer exercícios é aprender a apresentar. É preciso tomar esta expressão em todos seus sentidos. Apresentar, isto é, guiado por uma preocupação constante de limpeza, de boa manutenção, de elegância ingênua ou afetada, fazer do caderno o pequeno teatro do saber escolar. O professor cuida para que a criança seja o diretor da representação da sua vida escolar num lugar em que tudo deve vir a se visualizar. Também colocar em ordem, isto é, classificar, repertoriar, indexar etc. são competências que se adquirem através das técnicas gráficas. As listas e as tabelas que a criança organiza cotidianamente na escola recortam e ao mesmo tempo organizam o campo de seu saber, saber talvez limitado, mas que por esta “organização gráfica”, constitui-se sempre como exaustivo e totalizante.

Fazendo que a totalidade dos alunos que lhe era confiada tivesse acesso ao “ler-escrever”, a escola devia dar um sentido a essa nova prática de escrita. Esta não mais se fundamentava na arte retórica veiculada nos colégios após séculos. Graças ao caderno, a escola primária originou uma forma de trabalho da escrita homogênea à sua concepção do saber: um saber elementar sem lacunas, que se situa essencialmente sob as espécies da completude e do acabamento.

---

40 O caderno é um empilhamento de folhas. Ele não é, portanto, bidimensional como o quadro negro, a ardósia ou a folha isolada. Ele tem, graças à sua espessura, uma terceira dimensão, perfeitamente posta em evidência pelo gesto de folhear. Neste sentido, ele se aparenta à forma do *codex* (Cf. Chartier, s.d., pp. 269-309).

## Referências Bibliográficas

- BATENCOUR, Jacques de (1654). “Du livre de papier pour écrire”. *L'école paroissiale ou la manière de bien instruire les enfants dans les petites écoles par un prestre d'une paroisse de Paris*. Paris, Pierre Targa.
- BRAIDA, Lodovica (1998). “Dall'almanacco all'agenda. Lo spazio per le osservazioni del lettore nelle 'guide del tempo' italiane (XVIII-XIX secolo)”. *ACME. Annali della facoltà de lettere e filosofia dell'università degli studi di Milano*, 57, 3, sett.-dec.
- BRUNO, G. (1877). *La tour de la France par deux enfants*, Paris, E. Belin.
- CHARTIER, Anne-Marie & HÉBRARD, Jean (1993). “Lire pour écrire à l'école primaire? L'invention de la composition française dans l'école do século XIX”. *Les Interactions lecture-écriture. Colloque organisé par le Centre de recherche en éducation en Lille*, Université Charles-de-Gaulle-Lille III, Villeneuve-d'Asq, 22-24 nov., Berne, Peter Lang, sous presse.
- CHARTIER, Roger (s.d.). “Le message écrit et ses receptions. Du codex à l'écran”. *Revue des Sciences Morales et politiques*, pp. 269-309.
- CHASSAGNE, Serge (1989). “Comment apprenait-on l'arithmétique sous l'Ancien Régime?”. *Populations et cultures. Études réunies en l'honneur de F. Lebrun*, Rennes, AFL, pp. 137-144.
- CHERVEL, André (1977). *Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français. Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot.
- CHOPPIN, Alain (1986). “Le livre scolaire”, *Histoire de l'édition française*, tomo IV, *Le livre concurrencé (1900-1950)*. Paris, Promodis, pp. 281-306,  
 ————. (1990). *Les Manuels scolaires, histoire et actualité*. Paris, Hachette.
- FILS, Ambroise Rendu (s.d.). *Exercices gradués pour la lecture courante des manuscrits. Recueil divisé en 4 parties: 1. Beaux traits d'histoires et anecdotes morales; 2. Notions de droit commercial, modèles d'actes, factures, etc., notions de droit rural; 3. Notions d'agriculture; 4. Notions de style épistolaire*. Paris, Librairie Ch. Fouraut (A autorização é de 10 de março de 1848).
- FURET, François & OZOUF, Jacquesem (1977). *Lire et écrire. L'alphabétisation des Français de Calvin à Jules Ferry*. Paris, éditions de Minuit, 2 vols.

- GONTARD, Maurice (1963). *La Question des écoles normales primaires de la Révolution de 1789 à nos jours*. Toulouse, CRDP.
- GOODY, Jack (1977). *The domestication of the savage mind*. Cambridge University Press (tr. Fr., *La raison graphique*, Paris, Éditions de Minuit, 1979).
- GRAFTON, Anthony (1981). “Teacher, text and pupil in the Renaissance classroom. *History of Universities*, tomo 1.
- HÉBRARD, Jean (1990). “École et alphabétisation au XIXe siècle. *Le Français aujourd’hui*. 91, setembro.
- \_\_\_\_\_. (1991). “Les bibliothèques scolaires”. In: VARY, D. (dir.). *Histoire des bibliothèques françaises*, tomo 3, *Les Bibliothèques de la Révolution et du XIXe siècle: 1789-1914*. Paris, éditions du Cercle de la Librairie-Promodis, pp. 547-577.
- \_\_\_\_\_. (1988). “La scolarisation des savoirs élémentaires à l’époque moderne”. *Histoire de l’éducation*, 38, pp. 7-58, maio.
- \_\_\_\_\_. (1999). “Tenir un journal. L’écriture personnelle et ses supports”. *RITM*, 20, pp. 9-50 (tr. port. : “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes”). In: MIGNOT, A.C.V.; BASTOS, M.H.C. & CUNHA, M.T.S., orgs. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 29-62).
- JACQUES & OZOUF, Mona (1984). “Le tour de la France par deux enfants”. In: NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard (vol. I, *La République*).
- LETROUT, Jean (1999). “La prise de note de cours sur support imprimé dans les collèges parisiens au XVIème siècle”. *Revue de la Bibliothèque nationale de France*, 2, junho, pp. 47-56.
- LUKÁCS, L. (1974). *Monumenta paedagogica societati Jesu*. Roma (t.I: 1540-1556, tt. II e III: 1557-1572).
- MÉTAYER, Christine (s.d.). “De l’école au Palais de Justice: l’itinéraire singulier des maîtres écrivains de Paris (XVIe-XVIIIe siècles)”. *Annales ESC*, 5, setembro-outubro, pp. 1217-1237.
- MONUMENTA paedagogica Societati Jesu* (1974). edição L. Lukacs, tomo I, 1540-1556 e tomos II e III, 1557-1572, Roma.

- NIQUE, Christian (1987). *La Petite Doctrine pédagogique de la monarchie de Juillet*. Tese de doutorado do Estado, Strasbourg, Université Louis Pasteur.
- PECH, Rémy (1982). “Élie Castan et la révolte du 17e. Le cahier de monologues fait à Gafsa”. *Études sur l’Hérault*, XIII, 2, pp. 3-32.
- POUTET, Yves (1970). *Le XVIIIe siècle et les origines lasalliennes. Recherches sur la genèse de l’oeuvre scolaire et religieuse de Jean-Baptiste de la Salle*. Rennes, Impr. Reunidas, vol 2.
- ROCHE, Daniel & ROCHE, Fanette (1979). “Le carnet de chansons d’un conscrit provençal em 1922”. *Ethnologie française*, IX, 1, pp. 15-28.
- RULON, H.C. & FRIOT, Ph. (1962). *Un siècle de pédagogie dans les écoles primaires (1820-1940). Histoire des méthodes et des manuels scolaires utilisés dans l’Institut des frères de l’instruction chrétienne de Ploírmel*. Paris, Vrin.
- SALLE, Jean-Baptiste de la (1994). “La Conduite des écoles chrétiennes divisée en trois petites parties” (manuscrito de 1706, CE 4,2,2-4,2,5). In: *Oeuvres complètes*. Roma, *études lasalliennes*, EFC.
- TRONCHÈRE, J. (1967). *Guide du débutant et abc de législation scolaire*, Paris, Colin-Bourrelier.
- VINCENT, Guy (1980). *École primaire française. Étude sociologique*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

## Lista dos Documentos Fotográficos

Documento n° 1: Caderno de rascunho de Marie Moulin realizado por volta de 1863 na escola de Darnétal (Seine-Maritime): Exercícios de cálculo [Musée national de l’éducation, caixa 3.4.01, Documento n° 82.1167-5b]

Documento n° 2: Caderno de escrita de François Catherod realizado em 1873 na escola de Dortan perto de Lect (Jura): Cópia com exemplo de alfabeto em maiúsculas de bastardas [MNE, caixa 3.4.02, doc. n° 34-852-b]

Documento n° 3: Caderno de Eugénie Marin realizado por volta de 1873 na escola de Malesherbes (Loiret): Ditado do certificado de estudos [MNE, caixa 3.4.01., doc n° 79-37794-2b]

Documento nº 4: Caderno de Cyr Bigo realizado em 1869 na escola de Saint-Prest (Eure-et-Loir): A balança [MNE, caixa 3.4.01., doc nº 35089-6]

Documento nº 5: Caderno anônimo s. d.: Desenvolvimento “O céu no outono” [MNE, fotografado por Robert Cahen]

Documento nº 6: Caderno de Anna Gauthier realizado por volta de 1873 na escola de Montigny-sur-Aube (Côte-d’Or), s. d.: Análise gramatical [MNE, caixa 3.4.01, doc nº 79-11833f]

Documento nº 7: Caderno de Eugénie Marin realizado por volta de 1873 na escola de Malesherbes (Loiret): Exercício de vocabulário [MNE, caixa 3.4.01, doc nº 79-37794-2, fotografado por Robert Cahen]

Documento nº 8: Caderno de Alix Bonin realizado em 1868 na escola de Ligny-le-Châtel (Aube): Aritmética (problema apresentado em página completa) [MNE, caixa 3.4.01, doc nº 9339d]

Documento nº 9: Caderno de Anna Gauthier realizado na escola de Montigny-sur-Aube (Côte-d’Or), s. d.: Aritmética, regra de repartição composta (problema apresentado em duas colunas) [MNE, caixa 3.4.01, doc nº 79-11833i]

Documento nº 10: Caderno anônimo realizado em 1947: Problema (apresentado em duas colunas organizadas) [MNE, fotografado por Robert Cahen]

Documento nº 11: Caderno realizado por Madeleine Butti em 1931: Relato das lições do dia e exercício de escrita [MNE, fotografado por Robert Cahen]